

Chico Mendes, um ecossocialista	Título
Porto-Gonçalves , Carlos Walter - Autor/a	Autor(es)
OSAL, Observatorio Social de América Latina (Año 10 no. 25 abr 2009)	En:
Buenos Aires	Lugar
CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales	Editorial/Editor
2009	Fecha
	Colección
Ecosocialism; Peasant movements; Social movements; Luchas sociales; Seringueiros; Racionalidad ambiental; Ecosocialismo; Movimientos campesinos; Movimientos sociales; Chico Mendes; Environmental rationality; Social struggles; Amazonia; Brasil;	Temas
Artículo	Tipo de documento
http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/osal/20110418070812/09porto.pdf	URL
Reconocimiento-No comercial-Sin obras derivadas 2.0 Genérica http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/deed.es	Licencia

Segui buscando en la Red de Bibliotecas Virtuales de CLACSO

<http://biblioteca.clacso.edu.ar>

Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO)

Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO)

Latin American Council of Social Sciences (CLACSO)

www.clacso.edu.ar



Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales
Conselho Latino-americano de Ciências Sociais
Latin American Council of Social Sciences



Chico Mendes, um ecossocialista

CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

Doctor en Geografía. Profesor del Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad Federal Fluminense. Investigador del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico de Brasil y del Grupo de Trabajo Hegemonía y Emancipación de CLACSO.

Resumen

Carlos Walter Porto-Gonçalves traza una biografía de Chico Mendes en la que destaca su recorrido iniciado en las plantaciones de caucho de la Amazonia, la influencia que recibió del comunismo y su posterior concepción del ecosocialismo. En dicho camino, sobresale su labor como militante organizador de la lucha de los *seringueiros*, los cosechadores de caucho, lo que culmina en la creación de la Alianza de los Pueblos de la Floresta, que unió a *seringueiros* e indígenas. También su rol dirigencial en el Partido de los Trabajadores, la Central Unitaria de Trabajadores y del Consejo Nacional de Seringueiros.

Abstract

Carlos Walter Porto-Gonçalves outlines a biography of Chico Mendes in which he emphasizes his trip that began in the rubber-tree fields in the Amazon region, the influence he received from communism and his subsequent conception of eco-socialism. In such journey, it is outstanding his job as an activist who would become the leader of the struggle of *seringueiros*, the rubber collectors, which culminates in the creation of the Jungle's People Alliance, which brought *seringueiros* and indigenous together. Also his leading role in the Workers' Party, the Unitary Central of Workers and of National Council of Seringueiros.

Palabras clave

Chico Mendes, movimientos sociales, movimiento campesino, ecosocialismo, racionalidad ambiental, *seringueiros*, amazonia.

Keywords

Chico Mendes, social movements, peasant movement, ecosocialism, environmental rationality, *seringueiros*, amazonia.

Cómo citar este artículo

Porto Gonçalves, Carlos Walter 2009 "Chico Mendes, um ecossocialista" en *OSAL* (Buenos Aires: CLACSO) Año X, N° 25, abril.

Francisco Alves Mendes Filho nasceu no Seringal Porto Rico no município de Xapuri em 15 de dezembro de 1944, filho de pais nordestinos que migraram para a Amazônia. Desde os 11 anos trabalhou como seringueiro partilhando o destino comum àquelas famílias cujos filhos em vez de irem à escola trabalham para extrair o látex. Chico Mendes teve a fortuna de encontrar aquele que seria seu grande mestre, Fernando Euclides Távora, que não só lhe ensinou a ler e a escrever, mas o caminho que o levaria a se interessar pelos destinos do planeta e da humanidade. Euclides Távora era um militante comunista que havia participado ativamente no levante comunista de 1935 em Fortaleza e, ainda, na Revolução de 1952 na Bolívia. Retornando ao Brasil pelo Acre, Euclides Távora vai morar em Xapuri quando se torna mestre de Chico Mendes. Chico Mendes sempre falava com grande carinho de seu grande mentor educador político que nunca mais veria desde o golpe ditatorial civil-militar de 1964. A educação passou a ser uma verdadeira obsessão de Chico Mendes ao que dava um sentido político muito prático, pois, acreditava, que sabendo ler e escrever o seringueiro não mais seria roubado nas contas do barracão do patrão. Em 1975, já militando nas comunidades eclesiais de base –as Cebs– funda o primeiro sindicato de trabalhadores rurais no Acre, em Brasília, junto com seu amigo Wilson Pinheiro. Em março de 1976 organiza junto com seus companheiros, o primeiro Empate no Seringal Carmen. O Empate consistia na reunião de homens, mulheres e crianças, sob a liderança dos sindicatos, para impedir o desmatamento da floresta, prática que se tornaria emblemática da luta dos seringueiros. Nos Empates alertavam os ‘peões’ a serviço dos fazendeiros de gado, geralmente de fora do Acre, que a derrubada da mata significava a expulsão de famílias de trabalhadores, convidava-os a se associar à sua luta oferecendo ‘colocações’ e ‘estradas’ de seringa para trabalhar e, firmes, expulsava-os dos seus acampamentos de destruição impedindo seu trabalho de derrubada da floresta. Os Empates tiveram um papel decisivo na consolidação da identidade dos seringueiros e essa forma de resistência acabou por chamar a atenção de todo o Brasil, sobretudo após o assassinato de seu amigo Wilson Pinheiro em 21 de julho de 1980. Chico Mendes insistiu com os Empates mobilizando os seringueiros, mesmo depois que as autoridades governamentais, diante da repercussão da resistência dos seringueiros, começaram a fazer projetos de colonização. Chico Mendes, desde então, mostraria uma lúcida compreensão do significado daquela estratégia governamental que, inclusive, encontrava eco entre militantes sindicais, recusando-a posto que levaria o seringueiro a deixar de ser seringueiro ao torná-lo um colonizador confinado a 50 ou 100 hectares de terra. Chico Mendes valorizava o modo de vida seringueiro que usava uma restrita pequena parcela de terra junto à casa para fazer seu roçado e criar pequenos animais e fazia a coleta de frutos e resinas da floresta. Para os seringueiros o objeto de trabalho não é a terra e, sim, a mata, a floresta. Assim, mais que hectare de terra Chico Mendes e os seringueiros lutavam pela floresta e foi essa firme convicção que o levou a gozar de apoio dos seus pares e aproximá-lo dos ecologistas, o que fazia com desconfiança, como não se cansou de manifestar a amigos. Como comunista Chico Mendes desconfiava não só dos ecologistas como também de uma série de movimentos sociais que começavam a se destacar naqueles anos (mulheres, negros, homossexuais) que, acreditava, dividiam a luta dos trabalhadores. Todavia, como homem prático

e com grande capacidade de subordinar os princípios à vida sem perder o sentido da sua luta, Chico Mendes percebeu que os ecologistas ao defenderem a floresta eram aliados importantes da luta dos seringueiros na prática, além de permitirem que os seringueiros saíssem do isolamento a que estavam confinados. Os ecologistas, por seu lado, reconheceram a importância da luta dos seringueiros e dos seus Empates na preservação da floresta. Dessa aliança Chico Mendes formulou um princípio que caracterizaria sua filosofia: “não há defesa da floresta sem os povos da floresta” que bem pode ser estendido a outras situações de defesa da natureza.

“Chico Mendes vai se tornar um dos maiores próceres do ecossocialismo pela junção da luta contra a devastação com a luta contra a exploração e o capitalismo”

Chico Mendes percebeu que a luta dos seringueiros era uma luta de interesse da humanidade e, pouco a pouco, vai firmando a convicção de que além da exploração dos trabalhadores, o capitalismo tinha uma voraz força destrutiva que havia de ser combatida. Assim, Chico Mendes vai se tornar um dos maiores próceres do ecossocialismo pela junção da luta contra a devastação com a luta contra a exploração e o capitalismo. Enfim, desenvolvia uma fina percepção holística, recusando tanto um sindicalismo como um ecologismo restrito. Em 1984 num encontro nacional de trabalhadores rurais Chico Mendes defende uma ousada proposta para a época, a de que a reforma agrária deveria respeitar os contextos sociais e culturais específicos e, um ano depois, ao fundar o Conselho Nacional dos Seringueiros em Brasília, já desenvolve junto com seus companheiros a proposta de Reserva Extrativista, uma verdadeira revolução no conceito de unidade de conservação ambiental que, pela primeira vez, não mais separa o homem da natureza como até então se fazia. Costumava dizer que a Reserva Extrativista era a reforma agrária dos seringueiros. A Reserva Extrativista consagra todos os princípios ideológicos que Chico Mendes propugnava posto que, ao mesmo tempo, que cada família detinha a prerrogativa de usufruto da sua colocação com sua casa e com suas estradas de seringa, a terra e a floresta eram de uso comum, podendo mesmo cada um caçar e coletar nos espaços entre as estradas de cada família, idéia comunitária inspirada nas reservas indígenas. Desde então Chico Mendes se empenha, junto com seu amigo Ailton Krenak, na construção da Aliança dos Povos da Floresta unindo índios e seringueiros invertendo a história de massacres que até então protagonizaram instigados pelas grandes casas aviadoras e seringa-listas do complexo de exploração de borracha. Aqui, também, o profundo sentido humanístico não-antropocêntrico da ideologia de Chico Mendes ganhava sentido prático. Registre-se que a proposta da Reserva Extrativista contemplava, ainda, uma inovadora relação da sociedade com o Estado, na medida em que embora a propriedade formal da reserva extrativista seja do Estado, no caso, do então Ibama, a gestão da mesma é de responsabilidade da própria comunidade, cabendo ao órgão público supervisionar o cumprimento do contrato de concessão de direito de uso que, nesse sentido, é o pacto que se estabelece entre o Estado e os serin-

gueiros. Ou seja, o notório saber dos seringueiros se torna o elemento chave da concessão do direito de uso que o Estado confere a eles. Esse princípio viria a ser violentado no SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação – aprovado no ano 2000 que, assim, deve ser considerado rigorosamente como o segundo assassinato de Chico Mendes, pois desconsidera o saber das populações tradicionais como a base de todo o direito que têm aos seus territórios ao precenizar que todo plano de manejo deve ser feito por técnicos. Temos aqui um belo exemplo da colonialidade do saber e do poder que, assim, desperdiça a riqueza da experiência humana materializada em múltiplas formas de conhecimento que a humanidade na sua diversidade inventou!

Em toda sua vida Chico Mendes jamais deixou de se dedicar à construção de instrumentos de lutas sociais e políticas, tendo sido dirigente nacional da Central Única dos Trabalhadores e do Partido dos Trabalhadores, assim como do Conselho Nacional dos Seringueiros. O legado político e moral de Chico Mendes é enorme e pode ser visto tanto pelos intelectuais que reconhecem a originalidade de suas idéias e práticas políticas, como pelos políticos que, tanto no seu estado como no país, têm seus cargos de vereador(a), deputada(o), governador, senador(a) e ministra(o) associados às lutas que protagonizou, embora devamos reconhecer que alguns de seus companheiros no Acre preferiram falar de “governo da floresta” e não governo dos povos da floresta. Tanto no Brasil como no mundo seu trabalho foi reconhecido: em 1987 recebe, em Londres, o Prêmio Global 500 da ONU e, em Nova Iorque, a Medalha da Sociedade para Um Mundo Melhor e, em 1988, o título de Cidadão Honorário da cidade do Rio de Janeiro.

Sua enorme crença na capacidade humana de superar as contradições do mundo que vive se organizando social e politicamente foi capaz de inspirar todo um conjunto de idéias e práticas hoje em curso no mundo que vê a natureza, com sua produtividade e capacidade de auto-organização (neguentropia), e a criatividade humana na sua diversidade cultural como bases de uma racionalidade ambiental (Enrique Leff) ou, como ele gostava de chamar, de uma sociedade que combinasse socialismo com ecologia.

Em 22 de dezembro de 1988, assassinos ligados à UDR –União Democrática Ruralista– pensaram calar com uma bala essa voz cuja força, tal como uma poronga¹, continua iluminando caminhos.

Nota

1 Instrumento que os seringueiros carregam sobre a cabeça para iluminar os caminhos na mata quando saem, ainda de noite, para trabalhar. Chico Mendes

chamou Poronga à cartilha que alfabetizava os seringueiros.